

ANTERO DE QUENTAL

<https://www.youtube.com/watch?v=p9Pa9L3gF2c>

POESIA MARCADA PELA TENSÃO ENTRE DOIS POLOS:

- **LUMINOSO** – euforia pela ideia de progresso da Humanidade – Socialista – Busca mística da verdade.
- **NOTURNO** – depressão, pessimismo e a consciência do caráter ilusório de todas as coisas.

EXERCÍCIOS

Texto para as questões de 1 a 6.

A Germano Meireles

Só males são reais, só dor existe;
Prazeres só os gera a fantasia;
Em nada, um imaginar, o bem consiste,
Anda o mal em cada hora e instante e dia.

Se buscamos o que é, o que devia
Por natureza ser não nos assiste;
Se fiamos num bem, que a mente cria,
Que outro remédio há aí senão ser triste?

Oh! quem tanto pudera que passasse
A vida em sonhos só, e nada vira...
Mas, no que se não vê, labor perdido!

Quem fora tão ditoso que olvidasse...
Mas nem seu mal com ele então dormira,
Que sempre o mal pior é ter nascido!

(Antero de Quental)

1. O crítico português Antônio Sérgio apontou uma alternância, nos sonetos de Antero de Quental, entre duas tendências: a luminosa — positiva, otimista, confiante em relação à vida e ao progresso social — e a noturna — negativa, pessimista em relação à vida e às possibilidades de avanço social. A que tipo de tendência — luminosa ou noturna — você associaria este soneto de Antero? Justifique.

Trata-se de um soneto “noturno”, o mais “noturno possível”, aliás, como se comprova pela simples constatação do pessimismo integral, na ideia de que a vida é só sofrimento, o prazer é imaginário, culminando na conclusão de que estar vivo é o pior dos males.

2. Dê o sentido da expressão “o que devia / Por natureza ser não nos assiste”.

Aquilo que seria lógico (natural) que existisse (para que a vida fosse mais satisfatória) não existe na realidade. (“Não nos assiste” significa “não está presente para nós” ou “não nos socorre”.)

3. Explique o sentido dos dois versos finais da segunda estrofe: “Se fiamos num bem, que a mente cria, / Que outro remédio há aí senão ser triste? ”

De acordo com o texto, o bem é apenas um produto da nossa mente (o que corresponde à ideia do verso 2: os prazeres são criações da nossa fantasia). Assim sendo, se confiarmos nessa criação mental, se esperarmos que essa fantasia seja real, só poderemos nos entristecer e ficar infelizes, pois a realidade nos decepcionará.

4. Observe o trecho: “Quem fora tão ditoso que olvidasse...”. Por que nem mesmo esquecer tudo seria de fato uma solução? Justifique com passagem do texto.

O esquecimento não seria a solução, porque para evitar o sofrimento seria preciso esquecer a vida em geral, que é feita de sofrimento, segundo essa visão. Assim sendo, quem de fato esquecesse os males da vida ficaria de tal forma isolado, de tal forma alheio à vida, que nada poderia estar presente no espírito dessa pessoa: ela não poderia lembrar-se de nada, pois tudo é sofrimento. Por isso, “nem seu mal com ele então dormira” — o que implica uma solidão que seria também uma forma extrema de sofrimento.

5. Releia a informação sobre Arthur Schopenhauer constante da aula anterior e responda: A visão da existência contida no soneto “A Germano Meireles” pode ser considerada schopenhaueriana? Justifique sua resposta.

Pelo pessimismo, ou seja, pela visão da existência como sofrimento, o poema de Antero pode ser considerado schopenhaueriano. A vida seria sofrimento porque “só males são reais”, sendo o bem e os prazeres criações da nossa mente, produtos da nossa fantasia.

6. Por que o poema transcrito é um soneto? Qual o tipo de verso empregado e qual o esquema de rimas?

O poema é um soneto por corresponder à forma desse tipo de composição, constante de 14 versos divididos em dois quartetos e dois tercetos, com duas rimas para os quartetos e outras duas ou três para os tercetos. O verso empregado é o decassílabo e o esquema de rimas é ABAB, BABA, CDE, CDE.

Texto para o teste 7.

Despondency (depressão)

Deixá-la ir, a ave, a quem roubaram (*vamos deixar*)
Ninho e filhos e tudo, sem piedade...
Que a leve o ar sem fim da soledade
Onde as asas partidas a levaram...

Deixá-la ir, a vela, que arrojaram
Os tufões pelo mar, na escuridade,
Quando a noite surgiu da imensidade,
Quando os ventos do Sul se levantaram...

Deixá-la ir, a alma lastimosa,
Que perdeu fé e paz e confiança,
A morte queda, a morte silenciosa...

Deixá-la ir, a nota desprendida
D'um canto extremo... e a última esperança...
E a vida... e o amor... deixá-la ir, a vida...

7. Assinale a alternativa que não apresenta uma interpretação aceitável do poema.

- a) Segundo o eu lírico, a vida se constitui de uma inevitável sequência de dor e de perdas.
- b) Apesar de tratar-se de um lamento, o eu lírico parece estar resignado diante daquilo que, na vida, é inevitável.
- c) O sentimento de completo desalento é expresso por meio da imagem da ave que tudo perdeu e que se perde na solidão sem fim.
- d) O navio perdido na escuridão é, no poema, uma metáfora que ilustra a força e determinação de quem sabe como superar momentos difíceis.
- e) Nas estrofes finais, trata-se das perdas pessoais que vão ocorrendo ao longo da vida, a caminho da morte.

Resposta – D

O navio perdido na escuridão representa o destino humano e o desconsolo surgido da falta de direção e do completo abandono, ou seja, de se estar à deriva.

